

Clara Maduell Gómez
Adriane Luísa Rodolpho

VOAR, VOAR, SUBIR, SUBIR: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual

RESUMO

O estudo tem como objetivo compreender as práticas de corpo e suas diferentes noções entre os praticantes da suspensão corporal, uma das atividades do universo da *body modification* –modificações corporais das mais diversas formas (irreversíveis ou não) e feitas por uma razão não médica. As representações corporais são centrais nesse estudo, uma vez que se busca compreender quais as motivações e significados que a alteração voluntária tem para os participantes. A suspensão corporal é uma modificação temporária, que consiste na inserção de ganchos de aço cirúrgico em diferentes pontos do corpo para a elevação no ar, vertical ou horizontalmente, usando um sistema de cordas como meio de içagem. Uma vez que para alguns adeptos a palavra ‘ritual’ é referida para designar a técnica, pretende-se analisar se esta pode ou não ser considerada como um ritual de passagem, à luz da discussão antropológica sobre o tema. Portanto, um dos aspectos a serem igualmente discutidos nesse estudo é retomada dessa técnica ancestral pela cultura urbana ocidental, com a associação de que o corpo é maleável e sujeito às vontades do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Ritual; Corpo; Suspensão Corporal; Modificações Corporais; *Primitivos Modernos*.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the body practices and their different notions among the adepts of the corporal suspension, one of the activities of the body modification universe – corporal modifications of the most diverse forms (irreversible or not) made by a non-medical reason. Body representations are central to this study, since it seeks to understand the motivations and meanings that the voluntary change has for the participants. This is a temporary body modification which consists of lift up the person from the floor with insertion of surgical steel hooks in several areas of the body using a rope system as a lifting device. Since for some adepts the word 'ritual' is referred to as the technique, it is intended to analyze whether or not it can be considered as a ritual of passage, based on anthropological discussion on the theme. Therefore, an aspect that will also be discussed in this study is the resumption of this ancestral technique by western urban culture, specially associated with the idea that the body is malleable and subject to the individual's wants.

KEYWORDS: Ceremony; Body; Body Suspension; Body Modification; Modern Primitives.

INTRODUÇÃO¹

A expressão corporal é uma forma de comunicação não verbal, uma vez que, através do corpo, os homens se relacionam simbolicamente, onde o diálogo se dá por meio de gestos e posturas. O estudo das possibilidades expressivas da corporeidade tem tomado uma dimensão importante, pois é possível pensá-la como condição existencial da vida cultural. Para isso, é preciso ter uma noção histórica e cultural, além da natural sobre o corpo.

É por meio da imagem que um indivíduo percebe o outro. O sentido mais desenvolvido em nossa sociedade é o da visão e formas de construção corporal aparecem como opção de nossa “sociedade visual”, especialmente quando surgem meios de remodelação do corpo. Faz-se necessário lembrar que, na história humana, o corpo sempre passa por processos de modificação (SOARES, 2015).

A *body modification*, ou modificação corporal feita por uma razão

¹ Esse artigo é um recorte e adaptação da dissertação de Mestrado de Clara Maduell Gómez, intitulada “Quem sabe, sobe: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal contemporânea”, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas com orientação de Adriane Luísa Rodolpho.

cultural, ou seja, não médica, nos apresenta uma nova realidade, na qual o corpo passa por dolorosas transformações. Como explica o antropólogo Featherstone:

O termo '*body modification*' se refere a uma longa lista de práticas que incluem o *piercing*, a tatuagem, o *branding*, o *cutting*, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o *body building*, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo [...] Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos (FEATHERSTONE, 1999 *apud* BRAZ, 2006, p. 1–2).

Beatriz Ferreira Pires (2005) faz a divisão da *body modification*. Segundo ela, existem dois tipos de modificações corporais, duas tendências diferentes de corporalidade, que formam o mesmo processo cultural de construção de imagens corporais. De um lado, temos o comércio de cirurgias plásticas estéticas. Do outro, o objeto desse artigo, figuram os participantes do Movimento de Modificação Corporal, que moldam o corpo com a intenção de se diferenciar.

A suspensão contemporânea consiste em uma alteração corporal temporária que pratica a elevação de uma pessoa, através de uma engrenagem de cordas e roldanas, utilizando ganchos de aço cirúrgico cravados em sua pele por meio de perfurações. Os “anzóis” podem ser aplicados em diferentes zonas do corpo para içar alguém no ar em diversas posições.

Normalmente, as suspensões são feitas por *crews* ou equipes, grupos de amigos profissionais da *body modification* que se responsabilizam por fazer os adeptos “voarem²”. No Rio Grande do Sul, existem duas: Corpo Suspenso e Surreal *Crew*. No restante do País, existem outras como a Diabos Mutantes, a Valkírias, a Uai *Fly*, a Mente Suspensa e a *Independents Suspensions Brazilian Group*.

Vários locais, internos e externos, servem de palco para as suspensões em eventos privados e públicos. A maioria ocorre em lugares

² Expressão êmica, assim como os ganchos às vezes são tratados como “asas”.

fechados – o que facilita as necessidades técnicas – como em casas particulares, onde as pessoas se suspendem como uma espécie de confraternização. Muitos preferem a prática a céu aberto, que propicia o contato com a natureza. Normalmente, é necessário pagar para se suspender, como qualquer serviço prestado, os valores variam conforme as posições e o número de ganchos utilizados.

Por ocasião da dissertação de mestrado em Antropologia, procurei investigar a prática da suspensão corporal, analisando algumas das motivações dos adeptos, fazendo uma análise dos discursos dos praticantes. Pires (2005) diz que, para além do medo e da dor, o que choca, o que incomoda ou fascina, na visão de corpos modificados, é a postura e a coragem de brincar e de experimentar que os seguidores se permitem a todo tempo.

Tomando como base o processo ritual ser uma das possíveis formas de praticar a suspensão corporal atualmente, como afirma Lírio (2010), e também considerando que, alguns de meus interlocutores, se referiam a palavra ‘ritual’ para designar a técnica; pretendo também analisar se esta pode ou não ser vista como um ritual de passagem, à luz da atual discussão antropológica sobre o tema.

A importância do estudo dessa prática, que está sendo retomada pela cultura ocidental, se dá pelo aumento de adeptos. É notório o crescente o número de pessoas, dentro do mundo das modificações corporais, que têm vontade de se suspender. Torna-se importante tentar entender essa linguagem e saber as razões expressas por quem busca essa prática e o que ela representa.

METODOLOGIA

Para dar conta do tema proposto, realizei uma pesquisa qualitativa que, segundo Velho (1978), foi com a qual a Antropologia se identificou. Fiz observação participante, através da pesquisa de campo, proposta por Malinowski (1984), tendo contato direto com o universo estudado para recolher depoimentos e narrativas. Já que a pesquisa antropológica sempre se fez melhor quando atrelou a observação etnográfica ao universal teórico, é necessário colocar teoria nos dados (PALMEIRA, 1976).

Dessa forma, minha etnografia – método de investigação antropológica e através de seu mais importante instrumento, a já citada observação participante – foi realizada junto aos praticantes de suspensão corporal. Ela oferece uma aproximação entre pesquisador e pesquisados, impondo um deslocamento da cultura do investigador para se situar no interior do fenômeno observado, inserindo-o assim na comunidade de praticantes (MALINOWSKI, 1984).

Dessa forma, uma das observações participantes que fiz foi no **Suspensão na Ilha**, evento fechado do qual podia participar apenas quem seria suspenso e um acompanhante, mas minha entrada foi liberada pelo organizador. Realizado pelas equipes *Mente Suspensa* e *Independents Suspensions Brazilian Group*, aconteceu em março de 2017 em Florianópolis, Santa Catarina. Foram realizadas quatro suspensões a beira do Lago Peri. Outra foi no evento **Encontro de Suspensão Corporal do Sul** a cargo das equipes *Surreal Crew* e *Diabos Mutantes*, em Esteio, Rio Grande do Sul. Teve duração de quatro dias com mais de doze suspensões.

Usei também como metodologia a observação flutuante em evento público que ocorreu em um *atelier* de arte, onde foram feitas, pelo *Coletivo Ritulz*, três suspensões. Era o lançamento da *Ritulz*, uma marca de roupas, com nome bastante sugestivo escolhido pelo grupo que pretende dar representatividade de uma maneira mais profunda à cultura da modificação corporal. Esse tipo de observação, proposta por Colette Pétonnet (2008), consiste em flutuar, observar toda a movimentação em volta sem objeto de pesquisa fixo, um olhar desendereçoado, como diz Simões (2008).

Consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (PÉTONNET, 2008, p. 102).

A observação *flottante*, ao se deixar flutuar – ou, dito de outro modo, ao se mostrar desatenta ao conhecimento *apriorístico* –, se deixa conduzir pelo inesperado, pelo modo como as pessoas se apresentam num dado momento e determinado lugar da cidade – em um dado *endereço*, portanto –, cuja destinação de uso pode parecer insuspeitada (SIMÕES, 2008, p. 2).

Esse método exige do pesquisador um grau considerável de disponibilidade para, em um encontro sem planejamento, identificar o início de “uma viagem”. Então, com o olhar livre, porém atento, fui percebendo as movimentações do local.

Nos eventos acima citados não fiz entrevistas, preferi conversas informais. O “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 1998) me ajudou a captar as informações de campo.

Em 2016, fiz questionários com três adeptos da suspensão. Auxiliada por um roteiro, formulei perguntas com propósito de obter dados que servissem à investigação. As entrevistas foram gravadas em vídeo nos

estúdios³ em que eles trabalham. Essas conversas possibilitaram a obtenção de dados dos diversos aspectos da vida social e do comportamento desses adeptos.

Sendo a suspensão corporal uma prática muito visual, para quem assiste, usei a fotografia como instrumento de investigação. Nos eventos em que compareci, fui munida de câmera. Primeiramente, pedi autorização aos organizadores. No lançamento da *Ritulz* me responderam que “pode fotografar, quanto mais melhor” (porque havia uma fotógrafa oficial do evento) e, na **Suspensão na Ilha**, Ralado, o organizador, disse que eu podia retratar, mas que antes de publicar qualquer imagem eu precisava o aval dele. Terminado o encontro, enviei todas as imagens e ele ficou de selecionar as que eu poderia usar. Já no **Encontro de Suspensão Corporal do Sul**, a fotografia foi quase que o meio de entrada no campo, pois a organizadora me disse que nunca permitia a presença de pesquisadores, mas dessa vez aceitaria porque eu ajudaria com as imagens.

A Antropologia, enquanto ciência, é contemporânea da fotografia, o que permitiu ganhos recíprocos. Assim, no momento em que a disciplina deixou de ser praticada em gabinete e foi a campo, a técnica foi usada com a intenção de registrar a diversidade social e se constituiu em alternativa para publicação dos resultados da pesquisa.

O uso das fotografias nas ciências sociais surge com a necessidade de um método que iria além das lembranças vividas pelos antropólogos, que na maioria das vezes não tinham como registrar fatos marcantes, que não eram lembrados em suas escritas do caderno de campo, esse método não surgiu para substituir a escrita de forma alguma. Porém Malinoswki conseguiu mostrar essa grande importância que se tornou o uso de fotografias e imagens nas pesquisas, engrandecendo mais seu trabalho etnográfico, se sobressaindo da chamada etnologia dos “antropólogos de gabinete”, realizados a partir dos registros visuais e escritos que os missionários e funcionários do governo e das expedições traziam do campo (DIAS, 2014, p. 74).

A utilização das fotos na pesquisa etnográfica tem muito a dizer. Permite que o leitor visualize melhor o tema, enriquecendo a narrativa, reforçando o empenho da pesquisa, além de ter um potencial de prospecção e de explicitação de informação que lhe é próprio e exclusivo (GURAN, 2011).

Os métodos empregados me permitiram desenvolver esse trabalho

³ João é tatuador do Ibrahim Tattoo, onde o encontrei e também a Cami. Bárbara possui seu próprio estúdio de tatuagem e *piercing*: o Babi Tattoo. Muitas pessoas que se suspendem e com quem conversei são também profissionais de tatuagem ou *piercing*.

cujo assunto chama minha atenção desde a adolescência. Interesse-me pela *body modification* a partir da minha primeira tatuagem. Comecei a acercar-me e fascinar-me pelas discussões sobre marcas corporais e, ao entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, me dediquei a desenvolver o tema logo na primeira cadeira de Antropologia no curso de Ciências Sociais, em 2010, e venho amadurecendo essa pesquisa desde então.

Aproveitei, neste trabalho, depoimentos coletados para meu Trabalho de Conclusão de Curso⁴ sobre modificações corporais. Nessa ocasião, entrevistei pessoalmente Itamar Soares, *body piercer* e adepto da suspensão, e fiz um questionário também no *Google Drive*⁵ – ferramenta de armazenamento de dados do *Google*, onde é possível fazer formulários que são respondidos *on-line* e cujas respostas podem ser categorizadas em forma de planilha do *Excel*, para ter acesso às opiniões dos considerados adeptos de modificações “extremas” (como por exemplo, bifurcação da língua, tatuagem nos olhos e a própria suspensão) de outras partes do Brasil. O formulário foi endereçado para quarenta praticantes, mas apenas oito responderam, a maioria da cidade de São Paulo. Para dar continuidade à pesquisa, pretendo seguir fazendo entrevistas com adeptos de Porto Alegre e Região Metropolitana.

Fiz, para esse novo estudo, outro formulário no *Google Drive* com enfoque na suspensão⁶ e o enviei para alguns adeptos. Fazem parte da lista, praticantes que estavam nos eventos com quem mantive contato e grupos de modificação corporal na rede social *Facebook* para alcançar o público de outros estados.

A internet tornou-se algo familiar para um extrato da população e facilitou o contato com o público que é de fora de Porto Alegre, onde moro, uma vez que ela propicia a comunicação em escala mundial. Através dela, qualquer indivíduo pode partilhar informações em frações de segundo e sob diversas formas. Assim, o ciberespaço é um local onde a pesquisa antropológica é possível e legítima (RIFIOTIS, 2016), ou seja, o ciberespaço também é um campo etnográfico. Com o apoio da tecnologia, a etnografia virtual torna-se um método importante.

É necessário que a Antropologia esteja aberta à ideia de que a ciência e a tecnologia são campos cruciais para a criação da cultura no

⁴ GÓMEZ, Clara. A Pele Marcada: Um Estudo Antropológico Sobre o Corpo Como Superfície Simbólica na Sociedade Urbana Atual. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

⁵ Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1oH779BvwQ4EztZW128foNtYImJtxf2CgTFicxc8IngA/viewform>.

⁶ Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSejft4kzzwWQbdgZ5IW2S5Y8iWuwISdoabTngmTulqZhQav5w/viewform?c=0&w=1>.

mundo contemporâneo. Também, os antropólogos devem pesquisar esse mundo para que se renovem as políticas de diversidade cultural (ESCOBAR, 2016).

Pesquisei também na literatura antropológica disponível e usei de fontes secundárias, como *blogs* e fóruns sobre o tema em redes sociais onde os modificados expressam suas opiniões. Analisei o site *frrrkguys* – o principal portal brasileiro de modificação corporal, que recentemente divulgou o Primeiro Censo Brasileiro de Suspensão Corporal – 2017⁷ no qual foram questionadas 88 pessoas e oportunizou dados bastante interessantes e especialmente no mais conhecido *site* destinado a esse público: o BME (*body modification ezine*). Canadense, criado em 1994 por Shannon Larrat, é uma referência para todas as pessoas interessadas nesta área. Com a finalidade de construir uma “comunidade”, a partir dele pode-se ter acesso a fotos (para ver as mais extremas é necessária uma senha), entrevistas, depoimentos, novidades, *chats*, endereços de lojas, estúdios e clínicas relacionadas às modificações corporais.

Dessa forma, auxiliada pela teoria antropológica, procurei refletir – por meio da observação participante e flutuante em eventos, da etnografia virtual, da antropologia visual e das entrevistas realizadas sobre as motivações – o sentido e como essa prática é percebida no presente entre meus interlocutores, além de sondar o posicionamento de quem opta pela intervenção no corpo.

ESTUDO DOS RITUAIS

Uma vez que alguns dos meus interlocutores assumem a técnica como ritual – inclusive o nome da marca *Ritulz*, leva a entender como tal – e conforme o objetivo deste trabalho, analisei a prática por esse viés, porém cabe previamente, para um melhor entendimento da próxima parte, onde tento encaixar a prática na teoria, uma abordagem rápida das teorias antropológicas que tem como objetivo o estudo de rituais.

O corpo está tanto imerso na sociabilidade – não há processos exclusivamente biológicos e não pode haver um modo natural de considerar o corpo que não implique, ao mesmo tempo, uma dimensão social – como também na ritualidade. A vida social é sempre marcada por rituais, sejam públicos ou privados. (ROSSI, 2011). A ideia central do rito também é a tradição, ou seja: a preservação da memória coletiva; é através do rito que a sociedade reforça a experiência cotidiana e reafirma os indivíduos como comunidade, visto que, através dele, se expressa a solidariedade e se partilham sentimentos.

⁷ Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/1o-censo-brasileiro-de-suspensao-corporal-2017/>.

Segalen (2005) afirma que o rito é um conjunto de atos expressivos e detentores de uma dimensão simbólica. É caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas próprios de comportamentos e de linguagens e por signos emblemáticos, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. Assim sendo, é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências padronizadas de atos (TAMBLAH *apud* PEIRANO, 2003)

Para Durkheim e Mauss, a sociedade é um todo que nos antecede. O primeiro entende que os rituais criam um conjunto de valores que, sendo socialmente partilhados, assumem uma conotação religiosa, sendo que religião não diz respeito necessariamente ao sobrenatural, mas sim à sociedade (PEIRANO, 2003).

Arnold Van Gennep foi um dos primeiros autores a se dedicar ao estudo do ritual em si, ou seja: algo que simplesmente marcava uma mudança na vida de um indivíduo, e não mais da religião. Pretendia classificar os rituais de acordo com o papel que desempenhavam na sociedade e suas partes constitutivas e universais: 1) separação das condições sociais prévias; 2) estágio liminar de transição; 3) incorporação à nova condição ou retorno à anterior (PEIRANO, 2003).

Victor Turner (2008), referência nos estudos sobre os rituais, deu continuidade às análises de Van Gennep. Estudou os Ndembu e percebeu que, entre eles, o conflito era uma ocorrência comum e pública de tensão, que aconteciam em fases anarmônicas do processo social. Aponta-nos, então, uma sociedade que se estrutura com base no conflito. Para Turner, é a partir do conceito de “drama social” – processos de ruptura, crise, reparação e reintegração – que os conflitos podem ser analisados.

Para estudar esses conflitos, o autor opta pelo estudo dos rituais que são fixos e rotineiros, além de serem extremamente relevantes para os nativos. Os rituais aparecem como forma de resolução para tais conflitos e diminuição das rivalidades. Os elementos rituais servem como processos de “negociação” desses dramas que se instauram.

Durante a etapa de correção do drama – quando a unidade social está em sua fase autoconsciente – ocorre o período da liminaridade. Essa noção, oriunda de Van Gennep, acontece na fase intermediária dos ritos de passagem e caracteriza mudanças no status social de um grupo ou de um indivíduo.

Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer (VAN GENNEP *apud* RODOLPHO, 2004, p. 6).

É, então, um estágio ritual que torna possível, momentaneamente,

um posicionamento fora das hierarquias, das classes e da ordem social. Um período à margem, como um estado não estruturado, porém situado entre dois estados estruturais. Ou seja, seria um momento onde não se é mais o que se era, e não se é ainda o que se será. O neófito é despido de sua identidade, está “em suspenso” (*between and betwixt*), é nada no grupo, não tem significado nem função social. A liminaridade implica que o alto não poderia existir sem que o baixo também existisse e quem está no alto deve, primeiramente, experimentar o que é estar em baixo e só pode experimentar isso nos ritos de passagem.

Ao longo do período de liminaridade e todas as suas características de abolição das estruturas hierárquicas, observa-se um estado de solidariedade entre aqueles que passam juntos por esta situação. O autor aponta para o surgimento do estado de *communitas*, entre aqueles “ninguéns”, isto é, uma “comunidade” de indivíduos iguais com sentimento de passividade e submissão ao grande grupo. Então, é na fase liminar dos ritos de passagem que a *communitas* é engendrada. Essa está no âmbito da consciência que age de forma coletiva, é a sociedade em comunhão de indivíduos iguais, em comunidade e não estruturada.

Turner percebe que o conflito é estruturante e faz parte da relação como modo de resolução e transformação dentro da dinâmica. Segundo ele, assim é possível perceber as mudanças das sociedades. Estrutura faz parte da constituição formal, corresponde ao cumprimento de obrigações e leis, de direitos. *Communitas* é uma brecha da estrutura e seria, ela própria, a representação da antiestrutura, pois no momento em que a *communitas* é estruturada, ela deixa de ser, ou precisa, ser recriada.

Quando o ritual é concluído, o indivíduo é um novo ser, abrindo uma nova etapa de vida; há, finalmente, a reintegração do sujeito no coletivo, consumando assim a passagem e a aquisição de um novo status. O rito caracteriza uma mudança de significado social do indivíduo, em qualquer segmento da estrutura social. Portanto, a ação ritual ocasiona verdadeiras transformações de caráter e de relacionamento sociais, onde o comportamento simbólico cria a sociedade.

Como se percebe, para Turner os ritos de passagem representam um deslocamento de fronteiras, há diferentes estados como algo que se estende além do *status* e posição social, englobando também estados mentais, culturais e sentimentais.

Turner reconhece a possibilidade de haver “valor ritual”, como afirma Radcliffe-Brown (1973), defensor do estudo da estrutura social para chegar aos valores que determinam as relações sociais. Dessa forma, segundo Radcliffe-Brown os rituais e mitos também se tornariam valores:

Quando duas ou mais pessoas têm um interesse comum em certo objeto, pode-se dizer que este objeto tem um valor social para as pessoas assim associadas. O estudo

dos valores sociais neste sentido é, pois, parte do estudo da estrutura social (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p. 246).

De acordo com o autor, para compreender um ritual é necessário saber seu significado, ou seja, os sentimentos que ele expressa na vida dos nativos, para assim poder identificar sua função social e sua contribuição a todo sistema. A expressão “valor ritual” indica que um símbolo recorrente em um ciclo de rituais tem grande chance de manter o mesmo significado em todos. Então, o estrutural funcionalismo pretende derivar o ritual da estrutura social como sistema concreto de inter-relações pessoais e atribuindo a ele uma função de reforço de sentimentos comuns. Já Turner pretendia ver, no ritual, uma expressão direta dos sentimentos (GOLDMAN *apud* RODOLPHO, 2004). Ele estava preocupado em estudar a multiplicidade de significados e a polissemia dos símbolos nos rituais.

Segundo Andràs Zempléni (*apud* RODOLPHO, 2004), através dos ritos de passagem, os ritos de iniciação marcam a transição de um *status* social para outro. Porém, mais do que transição, a iniciação é um rito de formação, que diferencia os participantes dos não iniciados. As iniciações podem contar, e normalmente contam, com ritos de inscrição nos corpos dos neófitos com marcas e signos visíveis da transformação de nova identidade.

Pierre Clastres (1990) percebe como é grande o número de sociedades tradicionais que acreditam que o ingresso dos jovens na idade adulta deve ser feito através de ritos de passagem. Esses rituais de iniciação, muitas vezes, ordenam a vida social da comunidade. De acordo com o antropólogo, a sociedade designa o corpo como único local propício a conter o traço de uma passagem ou a determinação de um destino. O corpo mediatiza a aquisição de um saber do grupo e esse saber é inscrito nele. Como afirma Adriane Rodolpho:

É por isso que a iniciação pressupõe um antagonismo entre os grupos ‘de fora’ e os ‘de dentro’: a lógica da iniciação, autorreferenciada, cria uma linguagem, um simbolismo e saberes que lhe são próprios e que acabam por possuir um ‘sentido iniciático (RODOLPHO, 2004, p. 7).

Segundo Clastres (1990), em cada sociedade diferem os meios e as técnicas, mas a tortura é característica corriqueira dos rituais de iniciação. É como se fosse uma escrita, onde o grupo insere no indivíduo um saber, e é através do sofrimento que o ensinamento é transmitido. A iniciação é, inegavelmente, uma comprovação da coragem pessoal e essa se exprime no silêncio oposto à dor. Após o rito, fica o saldo de cicatrizes das feridas recebidas, um homem iniciado é um homem marcado e essa cicatriz seria

um obstáculo ao esquecimento, uma vez que ela foi sentida em um momento de medo e dor. A intenção é não perder a memória do segredo confiado pela tribo, assim a função da inscrição de marcas no corpo é avaliar a resistência pessoal e busca proclamar um pertencimento social (CLASTRES, 1990).

Logo, ritual é um fenômeno que nos revela expressões e valores de uma sociedade que ressalta o que já é comum ao grupo. Serve para transmitir valores, conhecimentos da comunidade e também é próprio para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais. Assim, pretendi analisar a suspensão corporal, uma das práticas da *body modification*, como um tipo de ritual.

REMODELAGEM DE CORPOS E DE RITOS

A *body modification*, ou modificação corporal feita por uma razão cultural, ou seja, não médica, nos apresenta uma nova realidade, na qual o corpo passa por dolorosas transformações (PIRES, 2005). Existem dois tipos de modificações corporais, duas tendências diferentes de corporalidade, que fazem parte do mesmo processo cultural de construção de imagens corporais.

De um lado, temos o comércio de cirurgias estéticas como lipoaspiração e plásticas e, ainda, pessoas que se sujeitam a muitas horas de treinos nas academias de ginástica, buscando um modelo de beleza imposto pela sociedade. As técnicas delineiam as características intrínsecas do ser humano, tratando de ser o mais “natural” possível e o sucesso é marcado pela invisibilidade da cicatriz (EDMONDS, 2007).

De outro lado, figuram os participantes do Movimento de Modificação Corporal, que moldam o corpo querendo ser diferentes, expressando uma beleza que não tem correlação com características humanas, ou seja, não querem seios fartos ou, ainda, narizes perfeitos. A lógica do Movimento da *body modification* é a exibição deliberada das marcas e o significado está justamente em sua visibilidade (KEMP, 2005). Por isso, a forma de comunicação primeira entre as pessoas que se modificam desse modo não passa pela palavra, mas sim se dá, espontaneamente, pela diferença estética causada pelas intervenções corporais que cada um possui (PIRES, 2005).

O sucesso das marcas corporais vem aumentando em associação com a ideia de que o corpo é maleável. Essas modificações estão saindo da marginalidade e sendo absorvidas pelas “tribos urbanas” (LE BRETON, 2003).

Conforme a literatura utilizada, os que optam por intervir no corpo de maneira considerada mais “extrema” são chamados de *modern*

primitives, ou primitivos modernos. Termo descrito por Le Breton (2003, p. 36) como: “todas as pessoas não tribais que reagem a uma urgência primal e que fazem alguma coisa com seu corpo” e criado por Fakir Musafar, o “pai” desse movimento, em 1967, e que define o estilo de vida desse grupo. Os pertencentes a essa corrente ganham a nomenclatura por resgatar as técnicas de marcação do corpo das sociedades tradicionais e adaptá-las para a atualidade. Como afirma Thiago Soares, apelidado T. Angel, criador do site *FRRRKguys.com.br*, que aborda a reflexão da *body art* e a cultura da modificação corporal:

A modificação corporal é um legado social, cultural, político, artístico, logo, histórico da humanidade. Um patrimônio efêmero, um legado precioso e sagrado [...] Buscamos compreender e se fazer compreender as modificações corporais reconhecendo as nossas especificidades tupiniquins e latinas. Temos uma vivência rica e complexa que não pode e não deve ser pomenorizada. A nossa história com as modificações corporais é anterior à colonização. A colonização foi responsável pelo extermínio de parte dessa história. A colonização não acabou ainda (SOARES, 2015, n.p.).

Os ‘primitivos modernos’ se apropriam dos rituais de modificação corporal a partir do referencial individualista de propriedade sobre um corpo que é único, insubstituível, passível, portanto, de interferências ditadas pela vontade pessoal (KEMP, 2005, p. 62).

Os *modern primitives* são sujeitos ativos na criação e transformação de seus corpos, dispostos a encontrar novos sentidos para sua corporeidade, reformular os valores de beleza, identidade e dor. Para esses, as modificações são feitas de forma contínua e, quanto mais extrema for, mais alto é o limite superado. O desejo de ultrapassar barreiras como forma de afirmar e fortalecer o caráter é constante em suas intervenções.

O universo da modificação abrange a técnica chamada de suspensão corporal, também reciclada pelos primitivos modernos. É um ritual secular que envolvia limites físicos, praticado por índios americanos e também por hindus, dando ênfase para experiência espiritual e aprendizado proporcionado ao suspenso (ABREU e SOARES, 2012). Para Kemp (2005), a suspensão é um exemplo de apropriação de costumes das tribos tradicionais pelo movimento de Modificação Corporal.

Musafar é quem retoma esse ritual e descreve a prática a partir da cerimônia da Dança do Sol da tribo Mandan, nos Estados Unidos: ganchos ou garras de águia eram cravados na pele de um índio e presos a uma árvore sagrada. Esse nativo tinha que jurar dançar até que sua pele fosse

extirpada ou ficasse “livre”.

O objetivo da Dança do Sol é permitir que jovens guerreiros partilhem o sangue de seus corpos com a Mãe Terra. Acredita-se que as mulheres fazem isso durante sua Lua, ou ciclo menstrual. As mulheres doam sua dor durante o parto, e os homens durante a Dança do Sol, para que o seu povo possa continuar a existir (SAMS, 1993 *apud* SILVA, 2013, p. 5).

Os membros do grupo realizavam, por meio dessas práticas, a iniciação dos mais jovens que transcendiam o corpo e tinham visões, buscavam contatar o “Grande Espírito Branco” através da suspensão (LÍRIO, 2010). Há, também, registros de que a suspensão era feita como passagem. Para um índio se tornar guerreiro, ele deveria ser suspenso, como afirma o *piercer Snoopy*:

Historicamente, as suspensões foram realizadas nos rituais de passagem, busca da visão, rituais de cura, de penitência, os rituais de devoção divindade ou como meio de obter visões, deixando o corpo e/ou comunicação com o mundo espiritual. Eles têm sido usados para testar a resistência do corpo e da mente, ou mesmo só para irritar os moralistas de plantão. Mais notadamente, alguns nativos das Tribos Americanas e seitas diferentes da religião Hindu têm utilizado rituais de suspensão durante séculos [...]. Geralmente era feita para testar a resistência física. Se o mesmo não suportasse estaria desonrando os seus familiares e seria rejeitado como guerreiro. Imaginem a fúria dos ataques Indígenas aos Yankes na época. Os índios ficavam até dois dias suspensos e só desciam para se alimentar e no momento das festividades após terem cumprido com êxito seus feitos (SAMPAIO, 2010, n.p.).

Agora, esse rito é resgatado com outros propósitos; a técnica é parecida e pode ser feita em outras partes do corpo. Atualmente, a prática não parece ter relação com a religião, mas sim enfatiza o lado espiritual. De acordo com Lírio (2010), entre os objetivos da pessoa que se suspende pode estar descobrir o sentido mais profundo de si, desafiar um sistema de crenças, buscar iluminação espiritual, transcender, participar de um rito de passagem, ter sensação de liberdade, obter prazer com as sensações estéticas, fazer amigos, sentir o *rush* de adrenalina e endorfina, ter a possibilidade de dominar o medo, ter controle sobre seu próprio corpo, ser mais do que o corpo, explorar o desconhecido, provar ser capaz e, ainda, ganhar dinheiro e fama com rituais performáticos.

Quanto mais ganchos, obviamente, mais perfurações e mais dor, em compensação, a tensão é dividida entre os vários pontos, o que facilita a elevação (LÍRIO, 2010). É possível ter uma noção mais clara de como é a técnica com o depoimento do profissional em suspensão:

O corpo é examinado para que sejam decididos os melhores lugares, quantidade e tamanho dos ganchos de aço cirúrgico que serão inseridos através da pele para que a pessoa seja erguida do solo. Múltiplos ganchos são geralmente situados em torno dos ombros, antebraços e costas, bem como ao redor dos joelhos (isto depende da posição na qual o corpo ficará suspenso). Encontrar os locais e as quantidades de ganchos apropriadas envolve habilidade matemática e compreensão incisiva sobre o local e preparo da pele, bem como sobre a resistência da pele do indivíduo em questão... Se a quantidade de ganchos for desproporcional ao local, a pele do *performer* [indivíduo suspenso] será incapaz de suportar o peso do corpo e se romperá. Também, a quantidade de peso que cada gancho suporta deve ser distribuída igualmente através de todo o corpo – qualquer desequilíbrio pode provocar uma lesão e desconforto contínuo do suspenso. (SAMPAIO, 2010, n.p.).

Quando feita pela primeira vez, o indivíduo sente dor extrema, náuseas e pode entrar em colapso ou produz mais adrenalina, endorfina e dopamina; experimentar uma espécie de “transe” e parar de sentir a maior parte da dor (MEYER, 2011; OLIVEIRA, 2016), como afirma Vale (1989 *apud* LÍRIO, 2010, p. 26):

Quando o estado alterado é atingido, torna-se possível parar de sofrer a dor, passando-se a um estado de observação do corpo que tem sensações não mais caracterizáveis como dolorosas. Nesse estado não existe dor, mas apenas sensações intensas, especialmente importantes por fazer-se sentir mais vivo.

Bárbara, uma das entrevistadas para essa pesquisa descreveu bem o passo a passo das sessões de suspensão, como é possível ler no relato:

Tu fica nervosa, porque antes tu tem que assinar um papel afirmando que tu tá consciente dos riscos... que a pele pode rasgar e tal, e aí tu fica pensando: “Será que isso já aconteceu? Será que vai acontecer comigo?” Mas quando tu fura, eles te ensinam a respirar e tu vai relaxando... e quando tu fura já começa a sentir a adrenalina, porque os ganchos já tão ali e tu só pensa:

“agora já era, não tem mais o que fazer. Agora eu vou voar”. E quando eles realmente engatam nos teus ganchos aí tu fica muito na expectativa. No começo tu fica bem duro... tu tá te redescobrando, tu respira, começa sentir teu corpo e vê que tá tudo bem...é muita energia, não tem como sentir alguma coisa ruim... eu achava que eu tava 10/15 min. e eu fiquei 45 minutos lá em cima, parece que o tempo passa diferente. Dependendo dos movimentos que tu faz, como tu balança a perna aí tu gira, tu vai testando e interagindo. Foi muito louco ver que eu não tava sentido dor, porque tu desce e tá todo mundo chocado: “Meu Deus, saiu sangue, tua pele tava esticada” e tu tá ali em paz. É uma vitória tua, a superação dos teus medos. É um ritual, uma coisa pra ti, é algo espiritual porque a gente não é só corpo (Entrevista com Babi Groel em 2016).

O corpo elevado passa por mudanças no fluxo sanguíneo e libera hormônios que geram estados estáticos nos suspensos, por isso, se recomenda uma preparação não só física, mas também mental antes de se iniciar nessa experiência. A suspensão representa, para seus adeptos, sensação de euforia e liberdade.

Como afirma o casal de entrevistados:

A primeira vez eu tive medo, eu tinha visto muitas vezes, mas não sabia o que ia acontecer com meu corpo, olhei pra pessoa que tava na minha frente e disse que não ia conseguir. Eu nunca tinha sentido tanta coisa ao mesmo tempo, mas foi a melhor coisa que eu fiz... foi totalmente libertador, quando tu sai do chão é algo que não tem como explicar. Eu vejo a suspensão bem como uma superação, eu nem gosto de fazer muito seguido, só quando eu sinto, assim... como se fosse algo que eu realmente precisasse, aí eu me preparo é uma semana que eu procuro me hidratar melhor, ficar mais tranquila, não me estressar porque eu fico bastante ansiosa. Durante são mil sensações, cada posição tu sente uma coisa, cada posição é um novo conhecimento e depois eu só sinto gratidão e amor. É uma modificação corporal, mas é muito mais mental. Pra mim a suspensão é uma mistura dos rituais indígenas com o BDSM⁸ urbano (Entrevista com Cami Baumgartem em 2016).

Eu não achava que eu ia me suspender, eu tinha o pensamento bastante parecido com as pessoas que vem

⁸BDSM é uma sigla que significa: Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo.

falar comigo sobre isso... mas me abri bastante e comecei a observar, vi a possibilidade e eu tava pela experiência mesmo e foi muito forte, curti muito, mas muito mesmo. Eu quase não consegui subir da primeira vez, a perfuração achei de boa, achei que a dor ia ser maior. A primeira vez foi difícil, mas depois fui me acostumando, não com a dor, mas com a descarga de adrenalina que é muito forte... Com o tempo eu consegui controlar a mente e não ficar tão nervoso, já me suspendi dez vezes... por aí. Eu vejo a suspensão acima de tudo como um ritual, não uma coisa essencialmente espiritual, mas bem física mesmo... o que faz valer a parada mesmo é o corpo e a adrenalina, que dá um efeito muito louco, como se fosse uma droga mesmo, mas só com as substâncias que teu corpo libera, tu fica num estado bem alterado (...) Tem posições que são bem fortes, que eu fico com frio na barriga, me preparo... mas outras como as costas, os joelhos e os braços não são tão fortes, não exige tanto, eu levo mais pro lado adrenalina pra curtir o momento ouvindo um rock pesado. É um esporte, um lazer mesmo, como fazer um churrasco com suspensão... tem gente que gosta de ir pra balada se divertir, eu me divirto me suspendendo (Entrevista com João Alien em 2016).

Cami e João, além de serem adeptos da suspensão, também são *suspenders*, ou seja, também fazem as pessoas subirem e afirmam que é tão emocionante participar de uma suspensão quanto ser suspenso propriamente. Acabaram de sair de uma *crew* e lançaram a *Ritulz*. Fizeram o evento de lançamento em um atelier de arte, do qual participei, e onde ocorreram três suspensões com auxílio de uma equipe. No dia, distribuíram um folder apresentando a marca Ritulz e continha o seguinte depoimento anônimo:

Suspensão é a forma que encontrei para me sentir vivo, para achar empolgação num mundo onde nada que nos oferecem é interessante. A maneira de conseguir se elevar num mundo caótico e corrido e sentir valer a pena estar aqui. Uma maneira de sentir que posso muito mais e que meus limites existem enquanto minha mente os mantiver aqui. Através da adrenalina, do sangue, da carne, encontrar a leveza para alma (RITULZ, 2016, n.p.).

Por isso, “subir” ou elevar-se é uma evolução para os praticantes. No final, a pessoa é posta no chão, os ganchos são retirados e o ato é encarado como superação da dor, dos limites e dos medos. O período pós-prática pode ser analisado a partir da explicação do *piercer Snoopy*, profissional e também adepto da técnica da suspensão:

GÓMEZ, Clara Maduell; RODOLPHO, Adriane Luísa. Voar, voar, subir, subir: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual. *Tessituras*, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 59-87, jul./dez. 2017.

Inicia-se uma massagem local a fim de remover o ar que fica nas camadas internas da pele. Esta drenagem deve ser feita para que a contaminação externa do ar não cause sérios problemas nos locais onde forem aplicados os ganchos. Um curativo deve ser colocado no local após o estancamento e a limpeza da pele. No dia seguinte, o suspenso mentalmente sente-se bem, afinal venceu os seus medos no dia anterior, em compensação o corpo fica pesado, a pele no local onde estavam os ganchos parece ainda estar descolada... Uma sensação de peso corpóreo é sentida por algumas pessoas que foram suspensas... Falo isto com propriedade por já ter passado por tal experiência, em 2001, na suspensão denominada *O-Kee-Pa*. (SAMPAIO, 2010, n.p.).

Além de modificação corporal, a suspensão é considerada também uma modificação mental. (LÍRIO, 2008). Isso se observa na citação de Deise Bianchi, responsável pelo grupo **Corpo Suspenso** de profissionais da técnica para a Revista Primeira Impressão: “Além da parte espiritual, todas as vezes que me suspendi, eu transcendí” (OLIVEIRA, 2016, p. 31).

Algumas pessoas⁹ que participaram de sessões de suspensão me fizeram relatos parecidos com os de Deise. Com a ajuda de seus depoimentos, é possível entender melhor o que a pessoa sente ao passar por esse tipo de prática:

Eu já fiz suspensão pelo joelho, fiquei trinta minutos suspenso pelo joelho. Eu achei que, quando fosse me suspender, eu ia morrer de dor, desmaiar, passar mal, vomitar, pensei um monte de coisas... Bah, fiquei apavorado! Mas não foi nada disso, só doeu na hora de colocar os ganchos, é a dor de colocar um *piercing*... Foram só dois ganchos. É que eles dividem, calculam o peso pra saber quantos ganchos colocar. A sensação foi de ficar chapado sem ter usado nada. É isso aí, fiquei chapado sem ter usado nada, no ar! Superei meus limites, eu tinha um limite que era suspensão, agora não falta mais nada! (Entrevista com Itamar Soares em 2010).

Suspensão, na minha opinião, é a Modificação Corporal que mais altera o indivíduo, embora fisicamente ela não altere quase nada, além de algumas reações químicas na hora e uma sutil cicatriz...Uma pequena marquinha. Ela

⁹ Esses são trechos de entrevistas retirados de meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116373/000965988.pdf?sequence=1>

muda pra sempre uma pessoa, ninguém pode voltar a ser a mesma pessoa depois de se ter suspenso uma única vez [...] Já participei várias vezes... É sempre uma experiência nova e diferente, já suspendi mais de 30 pessoas, algumas delas mais de 10 vezes, e toda vez é única, espetacular, empolgante e, principalmente, emocionante (Entrevista com Ralado *Piercer*, 2014).

Participei, em agosto de 2013, de suspensão realizada pelo meu esposo Rafael Leão Dias. Foi uma das melhores experiências que eu passei na vida, significou pra mim que eu posso superar qualquer coisa (Entrevista com Jessyka Leão, em 2014).

Participei dos rituais de suspensão mais de uma vez. Pra mim, é uma das melhores sensações que já pude experimentar. Não é prazer em sentir dor como as pessoas pensam...como sadomasoquistas ou algo do tipo, mas sim pelo autoconhecimento e concentração e, por fim, a superação dos próprios limites. Pra mim, serve como uma mistura de terapia, relaxamento e esporte (Entrevista com Pandão *Piercer*, em 2014).

O perfil dos interessados não varia muito, meus interlocutores são jovens, têm de 18 a 37 anos. Os números coincidem com os do censo que mostra que 33% das pessoas que responderam têm entre 21 e 25 anos de idade; 25% entre 26 e 30 e 17% entre 31 e 35. A grande maioria é branca, cisgênera e se divide em heterossexuais e bissexuais. Economicamente falando, a maior parte é de classe média baixa e já possui modificações consideradas mais “extremas” como grandes alargadores, língua bifurcada e muitas tatuagens.

O corpo vai sendo testado aos poucos, são degraus a serem galgados, ou seja, quem se interessa pela suspensão, normalmente, já se aventurou em muitas tatuagens e *piercings* anteriormente. Parece que, por ser uma prática que nem todos têm coragem de fazer; pessoas ligadas às modificações corporais, que já testaram seus corpos com outras técnicas, têm menos medo. O que não impede que indivíduos que não possuem modificações tenham vontade de passar por essa experiência, mas não foi o que se observou em campo.

A maior parte dos profissionais do ramo da *body modification* se conhece e se relaciona. Inclusive, os grupos de suspensão costumam fazer eventos em parceria. A maioria de meus interlocutores trabalha no próprio ramo da *body modification*, como tatuadores ou *body piercers*.

É presente, na fala de todos, a postura de coragem de experimentar, que vai além do medo da dor. Essa é declarada como parte do processo, mas não o objetivo. Todos interlocutores declararam que a suspensão é

uma experiência de superação e autoconhecimento. Outro dado interessante, segundo o censo e a minha investigação, é que a maioria das pessoas pratica suspensão mais de uma vez. O levantamento revela que 36% dos entrevistados se suspenderam de 2 a 5 vezes, enquanto 20 % assumiram ter feito a prática uma vez. Na minha pesquisa, não foram poucos os relatos que ouvi de pessoas que “perderam as contas” de quantas vezes voaram ou como, por exemplo, João que se suspendeu mais de dez vezes em um ano. Apenas três de mais de vinte entrevistados se suspenderam apenas uma única vez, mas também relataram a intenção de fazer novamente.

A pele, segundo Rossi (2011), representa uma zona erógena por excelência, um centro de sedução que ao mesmo tempo é construído em uma superfície de poder social e político. É o local onde as mudanças corporais são importantes, como meios efetivos para lembrar o que se viveu em um momento particularmente significativo.

Assim, os adeptos da *body modification* só se sentem completos quando adquirem suas respectivas marcas pessoais. Para eles, a lembrança de acontecimentos especiais e as emoções a eles vinculadas devem ser visíveis e estar registradas sobre o corpo. O real significado das marcas corporais só é totalmente compreendido pelo sujeito portador dela. Como afirma Pires:

Possuir registros corporais faz o indivíduo manter com estes, diferentemente do que mantinha com os que permaneciam longe do manuseio cotidiano, um contato visual e tátil permanente. O corpo passa, assim, a contar a história do indivíduo, não apenas pelo processo biológico natural de envelhecimento, mas também pelos fatos que este, de forma deliberada, quis que ficassem registrados (PIRES, 2005, p. 169).

Para Peirano (2003), não existe uma definição rígida e absoluta de ritual. A antropóloga derruba a noção do senso comum que o trata como fossilizado, imutável, definitivo. O conceito, segundo ela, precisa ser etnográfico, ou seja, é necessário ser apreendido pelo pesquisador junto ao grupo que ele observa. Então, dando voz aos meus interlocutores, segundo algumas entrevistas, pude perceber que a suspensão para os adeptos pode ser sim um ritual, de passagem ou iniciação. Vários praticantes assumem a técnica como ritual.

Independente da sociedade, o corpo é um meio de passar saberes. Os ritos tratam das compreensões de mundo de determinada comunidade e de transmiti-las a partir da corporeidade. Como afirmava Clastres, os rituais de iniciação das tribos primitivas serviam também para definir o pertencimento de um indivíduo a um grupo. Essas cerimônias geralmente

se davam na promoção de sofrimento para o neófito.

O primeiro registro desse tipo de prática apareceu no filme, lançado em 1970, “Um Homem Chamado Cavalo”, que tratava justamente do ritual da Dança do Sol dos Madan, e a técnica de suspensão do *O-Kee-Pa*¹⁰, considerada a posição mais difícil e dolorosa para se suspender. No filme, um inglês capturado por índios norte-americanos é feito de serviçal do chefe da tribo. Entra no estado liminar descrito por Turner, é despido de suas roupas, de seu nome e de sua própria identidade humana e percebido pelos índios como um animal, um cavalo. Só volta a se tornar homem após matar um índio de uma tribo rival. Porém, para poder fazer parte da comunidade que o capturou e casar com uma das índias pertencente à tribo, o estrangeiro teve que se submeter ao ritual da suspensão. Só desse modo, passando pelo sofrimento e mostrando-se capaz de suportar a dor, torna-se membro da comunidade.

Assim, o ritual, por meio de intervenções físicas, tem a intenção de mostrar as mudanças sociais e biológicas que o indivíduo passou de modo a incluí-lo no coletivo. Atualmente, as modificações corporais parecem ter o mesmo efeito, como se percebe nesse trecho:

Os rituais de modificação corporal, mesmo que por intermédio de técnicas que provoquem dor, objetivam sensações que integram o indivíduo e sociedade, proporcionando sensações que passam pelas noções de conforto, confiança e participação (KEMP, 2005, p. 62).

Ideia que também é aplicável às suspensões recentes, pois os praticantes são fiéis a *crews* (equipes de suspensão) que convivem e partilham informações e experiências sobre a técnica. Somente através desses grupos de profissionais é recomendado passar por essa experiência.

Retomando Turner, é possível perceber a suspensão como ritual de passagem, já que, como afirmava o autor, há um deslocamento de fronteiras, porque o sujeito é posto em uma condição de entrega e renasce como um novo ser, inaugurando uma nova etapa de vida. É visível, também nas sessões de suspensão coletivas atuais promovidas pelas *crews*, que as noções de liminaridade e *communitas* são reforçadas. Como descrito abaixo:

Durante a suspensão corporal, o indivíduo ficaria, portanto, desprovido de *status*. Após sua volta ao chão, o indivíduo volta a se integrar à sociedade da modificação

¹³ Há uma apropriação cultural indevida do termo. Atualmente ainda é realizada a suspensão vertical pelo peito, constantemente chamada de *O-Kee-Pa* pelos praticantes; entretanto, dentro da própria comunidade da modificação, há um consenso de que essa denominação não é correta, justamente por não trazer todos os elementos do ritual tradicional (ABREU, 2013).

corporal tendo, portanto, uma nova posição, que o qualifica positivamente perante o grupo: isso acontece dentro do Diabos Mutantes [equipe de suspensão] quando o suspenso pode então experimentar outros tipos de suspensões, mais difíceis e delicadas, ganhando assim o respeito dos demais integrantes do grupo e mais “poder” dentro dele. O retorno ao chão, após o ato, seria, portanto, aos olhos do grupo, o momento após a “humilhação” (suspensão), que demonstra a força (ABREU, 2013, p. 65).

No trecho nota-se os diferentes “estágios” do rito, a transição de um *status* social para outro, ou a morte e o renascimento simbólicos e a margem entre os dois. Percebe-se, da mesma forma, na técnica da suspensão, o interesse não só de uma posição social dentro do grupo, mas também incluídos estados mentais e sentimentais, igualmente salientados por Turner.

Ouvi, durante minha pesquisa, diversos relatos de pessoas que afirmam ter mudado após uma sessão de suspensão. Elas dizem que, ao se suspenderem e superarem seus limites e medos, tendem a ver a vida de uma outra forma. Sentem-se muito mais capazes, orgulhosas de suas marcas e confiantes. Como define André Meyer:

Acho que é algo parecido com o que sente alguém que sofre um acidente, quebra uma perna, coisas que também já aconteceram comigo. O corpo está ali, reagindo, fazendo que você se sinta mais vivo, que você queira se agarrar ao prazer da vida acima de qualquer coisa (MEYER, 2011, p. 115).

Quanto mais suspensões se faz, parece que mais apto e incorporado se está na comunidade. O indivíduo se mostra mais forte e capaz de realizar suspensões com maior nível de dificuldade. Dessa forma, ganha respeito, ou como indicava Turner, muda o *status* dentro da comunidade que é comprovado pelos membros do grupo.

Há também, na entrevista dos membros, a questão do momento durante a subida das cordas que significa o silêncio, a humildade, a falta de *status* e a então preparação para a transição. A transição, no caso dos Diabos Mutantes [equipe de suspensão paulistana], refere-se à possibilidade de realizar novos desafios, ou seja: variações e tipos de suspensões mais difíceis, complicadas que apenas pessoas experientes estão aptas a realizar (...) dentro do grupo, as suspensões corporais acontecem com mais intensidade e maior grau de

dificuldade à medida que o indivíduo demonstra capacidades importantes para a continuidade do grupo (ABREU, 2013, p. 60).

Segundo Turner (1974), a repetição é que define o ritual e, ao repetir a prática inúmeras vezes, o indivíduo alcança determinado grau de segurança e coesão social. Assim, pela reincidência, os rituais passam aos participantes uma noção de manutenção e continuidade da tradição do grupo.

A ideia central do ritual é a tradição: ela funciona como um mecanismo de preservação da memória coletiva e das verdades inerentes do que é reconhecido como tradicional. Mais ainda do que ser um mantenedor da cultura, é através do rito que a sociedade reforça a experiência cotidiana e refaz a ligação que une as pessoas como comunidade. Porém, como tradição e forma de reconhecimento social, os rituais possuem linguagem e significação próprias (ABREU, 2013, p. 52).

Notei, também, outros estágios do rito. Há procedimentos de entrada, uma técnica prévia que conta com massagem para o “descolamento” da pele e respiração adequada durante a colocação dos ganchos, uma etapa pré-elevação. Além da expectativa e preparação mental e física como sono de qualidade na noite anterior, alimentação saudável e consumo de água; cuidados que aparecem na maioria dos relatos. Há também os procedimentos profissionais de saída dos quais fazem parte a retirada dos ganchos, a massagem para liberação das bolhas de ar e o curativo. Também ocorre a conversa com os presentes sistematizando as sensações, já que é através da oralidade que se cria a tradição da prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, influenciada pelo discurso de alguns “nativos” que julgam que a prática é um ritual e até pelo nome da marca *Ritulz*, entendi, num primeiro contato, as suspensões dessa forma. Após coletar vários depoimentos, percebi que nem sempre o procedimento pode ser encarado assim, o que o define como um ritual ou não, é o propósito do praticante.

Constatei que, antropológicamente, a bibliografia indica que é possível analisar, através dos conceitos de Turner, as suspensões como ritual de iniciação e passagem para quem faz pela primeira vez. E tratar hierarquicamente, dentro da equipe, aqueles já iniciados e experientes que

rotineiramente testam o corpo e experimentam posições. Porém, trata-se de um ritual moderno onde se perdem as referências de sagrado e profano. Percebe-se, da mesma forma, nessa técnica, o interesse não só de uma posição social no grupo, mas também estados mentais e sentimentais, igualmente salientados por Turner.

Nas sociedades ocidentais modernas, os rituais corporais têm sido constantemente reinventados. Uma das diferenças entre as sociedades tradicionais e as urbanas é que, nessas, a decisão de participar de determinado rito é eminentemente individual, enquanto nas primeiras, a participação é decorrente da tradição, socialização e educação corporal do coletivo social.

Sara Silva (2009) afirma que, no processo de marcar os indivíduos nos rituais das sociedades tribais, o sujeito é posto em um lugar de entrega, de vulnerabilidade, enquanto outros manipulam seu corpo. Porém, por trás dessa submissão, o corpo evoca um caráter de resistência. As práticas rituais tradicionais são conduzidas por agentes especializados (xamãs ou pajés), ou seja: mediadores entre o mundo real e o espiritual. As suspensões modernas, apesar de voluntárias, têm a mesma característica de superação dos limites corporais e a posse de maior poder sobre seu corpo. De forma análoga, também necessitam de um “suspensor” que, nos ritos urbanos, essa figura é substituída pelos profissionais da modificação corporal.

Além disso, em referência às modificações corporais, é importante notar a relação que elas estabelecem com o tempo e a razão porque são feitas. Nas comunidades originárias, havia dois tipos de rituais quando eram inscritas marcas corporais: os que preparavam o indivíduo para certa atividade que acontecia em determinada faixa etária e os que registravam seus atos de heroísmo. Já em nossa sociedade urbana, as marcas são adquiridas pelos membros quando esses se consideram prontos para fazê-las. Logo, se dá como registro do que ocorreu no passado, um registro que ajuda a criar a identidade (PIRES, 2005).

Cada grupo julga os eventos que são especiais para si, assim cada sociedade possui seus ritos e os fazem de formas muito diferentes. A suspensão humana contemporânea, então, pode ser vista como uma prática ritual, já que, apesar (e talvez por causa) da dor, é considerada como uma terapia, como um modo de transcender espiritualmente ou mesmo como uma forma de atingir o êxtase por seus adeptos. Com o estudo, a análise e os depoimentos tomados é possível dizer que, ao se submeter a uma dessas sessões, o praticante se percebe como outra pessoa, diferente daquela que iniciou o processo de aprendizagem e integrando uma comunidade com a qual partilha valores expressos pelas marcas corporais adquiridas pela experiência de suspensão corporal.

A suspensão corporal, então, parece marcar um desejo de ir em

direção oposta a essa disciplina imposta e a padrões pré-estabelecidos, além de indicar a dominação do homem sobre seu próprio corpo que, graças ao progresso da ciência, torna-se flexível e sujeito à vontade do indivíduo.

Cada indivíduo que opta pela técnica tem seus objetivos, que podem ser bastante variados e/ou combinados; segundo eles, é uma experiência que não pode ser descrita fielmente sem que seja vivida. Há quem faça para provar ser capaz, ou seja, para superar os limites, a dor e o medo. Ou apenas por vontade de explorar o desconhecido, sentir prazer e adrenalina. De forma geral, percebi que a suspensão contemporânea gira em torno do hedonismo e das práticas do bem-viver, sem nenhuma relação com experiências sadomasoquistas.

Visto que essa técnica, resumidamente, parece ser uma busca do indivíduo por liberdade e singularidade, dei ênfase em minha pesquisa para as motivações e objetivos dos praticantes, as sensações e formas como elas são passadas, tentei refletir e provocar um debate sobre essa prática ainda pouco conhecida no Brasil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nathalia Cristinne Braga de. **Diabos Mutantes**: uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo. 2013. 80 f. Monografia (Especialização em Jornalismo Cultural) – Fundação Armando Álvares Penteado. FAAP Pós-Graduação, [2013].

ABREU, Nathalia; SOARES, Priscila. **Corpo ao Extremo**: a nova face de uma cultura modificada. Jundiaí: Editora In House, 2012.

BRAZ, Camilo Albuquerque. **Além da Pele**: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo. Campinas: [s. n.], 2006.

CLASTRES, Pierre. Da Tortura nas Sociedades Primitivas. In: _____. **A Sociedade Contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 123-131.

DIAS, Vivian Maria Da Silva. **Sebastião Salgado**: Um Olhar Planetário Para As Ciências Sociais. Trabalho Apresentado À Disciplina De TCC II Do Curso De Ciências Sociais Da Universidade Federal De Goiás – Regional Catalão, Catalão, 2014.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu &**

GÓMEZ, Clara Maduell; RODOLPHO, Adriane Luísa. Voar, voar, subir, subir: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 59-87, jul./dez. 2017.

Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 189–261.

ESCOBAR, Arturo. Bem-Vindos à Cyberia: notas para uma Antropologia da Cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações/Joinville: Editora Letradágua, 2016. p. 21–66.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 7, n. 10, p. 77–106, 2011.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado:** corpo livre? São Paulo: Paulus, 2005.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo:** Antropologia e Sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

----- **La Sociología del Cuerpo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2011.

LIRIO, Daniel Rodrigues. Suspensão corporal e as três dimensões da intercorporeidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 58–67, 2008.

----- **Suspensão corporal:** novas facetas da alteridade na cultura contemporânea. São Paulo: Annablume, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MEYER, André. **Lindo de doer:** piercings, viagens estéticas, eróticas e esotéricas. São Paulo: Gaia, 2011

OLIVEIRA, Michelle. Elevação da Alma. **Primeira Impressão**, São Leopoldo, n. 45, p. 31, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

PALMEIRA, Moacir. Prefácio. In: LEITE LOPES, José Sérgio (Org.). **O vapor do diabo:** o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GÓMEZ, Clara Maduell; RODOLPHO, Adriane Luísa. Voar, voar, subir, subir: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 59–87, jul./dez. 2017.

PETONNET, Colette. **A observação flutuante**: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, Niterói, n.25, p.99–111, 2008.

PIRES, Beatriz Ferreira. O Corpo como suporte da arte. *Revista Latinoamericana Psicopat. Fund.*, v, 1, 76–85, 2003.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo como suporte da arte**: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: SENAC, 2005.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. *Revista brasileira de ciências sociais*, Florianópolis, v. 31, n. 90, p. 85–99, 2016.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, P. 138–146, 2004.

ROSSI, Sandra Martínez. **La Piel como Superfície Simbólica**: procesos de Transculturación en el Arte Contemporáneo. Madrid: FCE, 2011.

SEGALEN, Martine. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

SILVA, Sara Panamby Rosa da. **Corpo Limite: uma análise dos corpos modificados**. 2009. 64 f. Monografia (Bacharelado em Performance) – Curso de Comunicação Das Artes do Corpo, PUC–SP, São Paulo, [2009].

_____. **Corpo–Obra: Manipulações Corporais como Processos de (Des) Construções Ético–Estéticas**. *Revista Gambiarra*, v. 5, n. 5, p. 29–40, 2013.

SIMÕES, Soraya Silveira. Observação flutuante: uma observação “desendereçada”. *Antropolítica*, Niterói, n.25, p.193–196, 2008.

SOARES, Thiago Ricardo. **A modificação corporal no Brasil – 1980–1990**. São Paulo: CRV, 2015

TURNER, Victor. Liminaridade e ‘communitas’: modelo e processo. In: _____. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 116–159.

GÓMEZ, Clara Maduell; RODOLPHO, Adriane Luísa. Voar, voar, subir, subir: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual. *Tessituras*, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 59–87, jul./dez. 2017.

----- **Dramas, campos e metáforas.** Niterói: Editora UFF, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica:** objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 121-132.

FILMES

“Um Homem Chamado Cavalo” (A Man Called Horse), 1970, USA. Direção: Elliot Silverstein.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

SAMPAIO, Ronaldo (*piercer Snoopy*). **Suspensão Humana:** a minha experiência. – *Old Hooks* – BR, 2010. Disponível em: http://piercer-snoopy.blogspot.com.br/2010_11_16_archive.html. Acesso em: 22 ago. 2016.

SOARES, Thiago Ricardo (T. Angel). **Manifesto *Freak***. Osasco, São Paulo. 27 de Dezembro de 2015. Disponível em: <https://xtangelx.wordpress.com/2015/12/28/manifesto-freak/>. Acesso em: 3 ago. 2016.

AUTORAS

Clara Maduell Gómez

Possui bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Pelotas (2018) é graduanda de licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: cla_182_mg@hotmail.com.

Adriane Luísa Rodolpho

Possui licenciatura (1987) e bacharelado em História (1989) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Aperfeiçoamento em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1990), Mestrado em

GÓMEZ, Clara Maduell; RODOLPHO, Adriane Luísa. Voar, voar, subir, subir: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 59-87, jul./dez. 2017.

Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), Especialização (Diplôme d'Études Approfondies) (1998) e Doutorado em Anthropologie Sociale et Ethnologie pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (2002). Pós-Doutorado CAPES/CNRS pela Université d'Aix-Marseille (2015-2016). É professora na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: adrirodolpho@cpovo.net.

Recebido em: 13/03/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.

Publicado em: 29/06/2018.

GÓMEZ, Clara Maduell; RODOLPHO, Adriane Luísa. Voar, voar, subir, subir: um estudo antropológico sobre a suspensão corporal como ritual. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 59-87, jul./dez. 2017.